

CONCEIÇÃO EVARISTO

PONCIÁ VICÊNCIO



ADAPTAÇÃO: RACKEL LOPES DE ARAÚJO SOUSA

CONCEIÇÃO EVARISTO

PONCIÁ VICÊNCIO

ADAPTAÇÃO: RACKEL LOPES DE ARAÚJO
SOUSA

ILUSTRAÇÃO: KELLEN CRISTINE SOARES
DA COSTA

Na vila Vicêncio, no interior do Brasil vivia a família de Ponciá. Eles eram descendentes de escravos. O pai de Ponciá e seu irmão, Luandi, trabalhavam na roça. Ela e a mãe trabalhavam em casa, com o barro. Elas faziam lindas peças: panelas, pote e bichinhos. Era Ponciá quem ia até as margens do rio buscar a argila que elas usavam para fazer as peças que depois eram assadas no forno de barro para ficarem bem difíceis de quebrar.

Num desses dias em que Ponciá foi até o rio buscar argila, ela viu um arco-íris no céu e sentiu um calafrio na barriga. Quando ela era mais novinha costumava ouvir os mais velhos dizendo que se alguma menina passasse embaixo de um arco-íris, se tornaria um menino. Ela teve medo, pois nessa época ela adorava ser menina. Ponciá chamava o arco-íris de cobra celeste que bebia água. Diante do arco-íris, ela pensou:

- E agora, como eu vou passar para outra margem do rio?

Nesse dia, ela ficou horas e horas esperando até que o arco-íris desaparecesse. Ele era teimoso e demorava ir embora. Então, Ponciá colocou as saias entre as pernas e deu um pulo para o outro lado do rio. Finalmente havia conseguido passar embaixo do angorô. Quando ela já estava na outra margem foi conferir embaixo da saia se ainda era uma menina. Uffa! Que alívio! Ela viu que tudo estava normal.





Ponciá era muito feliz nesse tempo. Ela gostava de morar na roça. Gostava do rio, brincava perto dos pés de pequi, perto dos pés de coco-catarro e adorava brincar com as bonecas que fazia das espigas de milho. Um dia, enquanto ela estava brincando viu uma mulher muito alta, tão alta que chegava até o céu. As pernas da mulher eram bem longas e finas e seu corpo era transparente. Ponciá sorriu para a mulher e a mulher sorriu de volta para Ponciá.

Quando Ponciá chegou em casa contou tudo o que havia visto para a sua mãe. A mãe de Ponciá achou aquela história muito estranha e contou tudo para o pai de Ponciá que decidiu cortar todo o milharal. Quando Ponciá viu o milharal todo no chão, se deu conta de que nunca mais veria a mulher transparente que tinha sorrido para ela. E chorou muito de tristeza.

O tempo foi passando, Ponciá crescia, mas sempre se lembrava de quando era criança, de quando tinha medo de passar embaixo do arco-íris e virar um menino. Lembrou do primeiro homem que conheceu em sua família, seu avô, Vô Vicêncio. Apesar de Ponciá ter convivido pouco com seu avô ela se lembrava muito dele. Ela lembrava que ele era bem velhinho, andava todo encurvadinho, com a cabeça baixa, parecia um graveto de tão miúdo que era. Quando Vô Vicêncio morreu, Ponciá ainda era uma bebê de colo, mas ela lembrava de tudo dele. Lembrava que ele falava sozinho e chorava feito criança. Ele tinha perdido parte de um de seus braços, desde então, ele andava com o braço para trás, ele tinha um bracinho cotó como chamavam.

Do seu pai, Ponciá se lembrava pouco. Ele vivia trabalhando na roça e por isso, ficava pouco tempo em casa com a família. Quando jovem o pai de Ponciá havia sido pajem. No tempo da escravidão no Brasil, pajem era um escravo que acompanhava o filho do seu senhor. Naquele tempo, ele sofria muitas humilhações. O coronelzinho fazia muitas maldades com ele. O pai de Ponciá era livre, mas vivia nas terras do antigo dono do seu pai e dos seus avós. Um dia, só de maldade o coronelzinho quis mijar dentro da boca do pai de Ponciá. Ele teve de deixar sua boca virar penico e o seu sinhô-moço ficou rindo muito dele. O Pai de Ponciá nessa hora só sabia chorar de tristeza. De noite, antes de dormir ele ficou se perguntando se eram livres porque continuavam ali naquele lugar de tanta humilhação, então ele teve raiva de seu pai.

Ponciá sabia dessas histórias e também ficava triste. Quando já era adulta e tinha ido embora da Vila Vicêncio, ela ficava na janela do seu barraco lembrando de todas as coisas que ela e a família tinham passado. Foram muitas dificuldades e por isso, um dia ela decidiu sair da roça e tentar a vida na cidade. No tempo em que Ponciá saiu da vila, ela pensava em trabalhar, juntar dinheiro para comprar uma casa para ela viver com a sua mãe Maria e seu irmão Luandi. Nessa época o pai de Ponciá já havia morrido. Ele passou mal na roça e foi enterrado lá mesmo. Luandi que sempre estava com o pai trabalhando, certo dia voltou da roça sozinho. A mãe de Ponciá ficou muito, muito triste e Ponciá pensava que outras pessoas antes de partirem haviam dado alguns sinais, o pai dela não.

As lembranças iam e vinham na cabeça de Ponciá. Ela recordava que a vida dela não havia sido fácil desde o dia em que ela decidiu pegar o trem e ir embora da Vila Vicêncio. Quando ela tinha 19 anos chamou a mãe em um canto e disse que iria embora. Nem se despediu do irmão que estava na roça. O trem demorava passar pela vila e se ela perdesse aquele só viria outro dali a um mês. A viagem de Ponciá para a cidade foi difícil. Ponciá demorou três dias para chegar ao seu destino. Ela tinha levado pouca comida. Chegou na cidade cansada e com fome. Na estação não havia ninguém esperando por ela. Todos os seus parentes haviam ficado na Vila Vicêncio. Então ela se viu ali sozinha.



Era quase noite quando Ponciá chegou a cidade. Ninguém da família dela havia feito o que ela estava fazendo. Ela deixou tudo e todos para trás e agora estava ali em busca de outra vida. Ela teve um pouco de medo, mas apressou os passos e saiu da estação. Avistou ao longe uma catedral bem grande, as luzes estavam acesas. Caminhou, caminhou e só parou quando estava em frente da igreja. Quando Ponciá olhou para os santos achou que eles fossem de verdade, eles eram grandes, pareciam pessoas. Eram tão limpos que ela achou que eles haviam banhado. Ponciá pensou que aqueles santos talvez fossem mais poderosos do que os santos da capela da Vila Vicêncio que eram bem minguados, simples como as pessoas do lugar. Os fiéis que estavam na igreja eram como os santos, limpos e calmos, ela pensou. O terço na mão das mulheres fez Ponciá se lembrar do seu. Ela o pegou, mas não teve coragem de rezar, somente se ajoelhou e tentou rezar uma Ave-Maria.



Além da sua crença Ponciá trazia no coração a esperança de conquistar uma vida melhor. Ela havia dito a sua mãe que um dia voltaria para buscar a ela e o seu irmão Luandi e que eles seriam felizes juntos. Tudo na igreja estava distraíndo Ponciá, ela não estava conseguindo rezar. Então ficou muito tempo lá dentro observando tudo e pensando que Deus deveria gostar bastante de toda aquela riqueza. A missa acabou, as pessoas iam saindo e só então Ponciá se deu conta de que precisava procurar um lugar para dormir. Pensou o quanto havia sido corajosa. Saiu da Vila Vicêncio, decidiu tudo muito rápido e partiu. Deixou sua mãe triste, é verdade, mas ela não queria continuar lá e repetir a mesma história de humilhação e sofrimento dos seus familiares.

Ponciá teve de sair da igreja. Viu o sacristão, mas não teve coragem de pedir ajuda. Ele a viu com sua trouxa na mão e também não disse nada. A sua primeira noite na cidade foi na porta da igreja. Ponciá sentiu medo, estava com frio, se lembrou que já havia passado noites em claro, em velórios, mas nessas ocasiões nunca estava sozinha. o tempo foi passando e as pessoas foram chegando. Eram mendigos, mulheres, crianças e homens. Ponciá vendo essa cena se lembrou dos santos que estavam dentro da igreja, todos limpos e abrigados. Ela pegou seu terço de lágrimas-de-nossa-senhora e começou a rezar.



Na manhã seguinte, todos que dormiram na frente da igreja acordaram muito cedo e começaram a dar lugar para as senhoras que chegavam para assistir a primeira missa do dia. Os velhos se ajeitavam, estendiam seus chapéus ou suas latinhas para pedir esmolas, de vez enquanto se ouvia o barulho de algumas moedas caindo. Ponciá, se comoveu e deu as últimas moedas que tinha para alguns dos mendigos que lá estavam. Depois, ela começou a perguntar as senhoras que passavam se não estavam procurando uma pessoa para trabalhar, muitas pessoas a ignoravam, até que na igreja só restaram três pessoas. Ponciá colocou suas últimas esperanças em uma senhora, foi até ela, tocou no seu ombro e começou a contar que estava chegando do interior e procurava trabalho.

A senhora disse à Ponciá que ela não estava precisando, mas que a prima dela quem sabe não estaria. Ela escreveu em um pedaço de papel o endereço da prima, leu para Ponciá e disse que ela fosse lá naquela mesma manhã. Ponciá leu o bilhete várias vezes, estava tão feliz que sabia ler: rua Prata de Lei, nº 39, casa 7, Bairro das Alegrias, era o que estava escrito nele. Ponciá conseguiu o emprego e aos poucos ia se acostumando com o trabalho que era muito diferente dos afazeres que se fazia na roça. Nesse tempo, ela estava com o coração leve, pensava somente em trabalhar, juntar dinheiro para comprar uma casa e enfim poder ir buscar a mãe e o seu irmão Luandi. A vida até parecia que seria fácil.



Ponciá havia ficado muitos anos longe da família e sentia muita falta dos familiares. Com o trabalho de doméstica, a muito custo conseguiu comprar um barraco em uma favela e apesar das dificuldades ela nunca abandonou a ideia de ir buscar a mãe e o irmão para morarem com ela. Ponciá ficou sabendo que o irmão também havia ido embora do povoado e estava em algum lugar na cidade, essa notícia deixou o coração de Ponciá aflito. A família agora estava separada e ela sentia que era a causadora de tudo aquilo, porque ela havia saído de casa primeiro. Ela queria ir ao povoado saber dos seus, mas como dizer isso a sua patroa?

Nesse tempo, Ponciá conheceu um rapaz que trabalhava numa construção civil próximo a casa em que ela trabalhava como empregada doméstica. Eles começaram a namorar e logo foram morar juntos no barraco que Ponciá havia comprado. No começo tudo ia bem entre eles. Ele achava Ponciá bonita, gostava da voz de Ponciá, mas com o tempo, a convivência entre eles foi ficando difícil. Ponciá a cada dia que passava ia se tornando mais calada, a preocupação com a mãe e o irmão consumia todos os seus pensamentos. Ela ficava horas em silêncio, mergulhada dentro de si, alheia a tudo. O homem de Ponciá era bruto e calado E Começou a agredi-la com frequência. Muitas vezes deu socos e pontapés em Ponciá.



Apesar das agressões, Ponciá continuava ao lado do homem, mesmo sem entender o porquê. Eles tiveram sete filhos, mas todos morreram ainda bebês e os dois seguiam a vida ainda mais tristes. Às vezes, Ponciá olhava para o marido descendo o morro para trabalhar e o seu coração chegava a doer. Ela sabia que não eram felizes juntos. Ela ficava pensando em tornar a casa um lugar mais prazeroso, mas não tinha forças para fazer nada. Ela sentava em seu banquinho e ficava horas vendo o tempo passar dentro das suas lembranças. Ficava horas e horas pensando em voltar para Vila Vicêncio.



Quando Ponciá conseguiu retornar ao povoado, encontrou quase tudo como antes dela ir embora, sentiu um profundo vazio ao entrar na sua antiga casa. Tudo na casa estava no mesmo lugar, os jiraus com os colchões de capim, o quarto dos pais.... Se lembrou que o pai e o irmão quando voltavam do trabalho na roça sempre chegavam cantando. O pai cantava umas cantigas muito bonitas e seu irmão o acompanhava, o pai cantava uns versos o irmão outros. Se lembrou que a mãe também sempre estava cantando, trabalhando e cantando. Ponciá ficou ainda uns dias no povoado relembando tudo o que havia vivido naquelas terras com a sua família.

Um dia antes de voltar para a cidade, Ponciá se viu sozinha na sua antiga casa, naquela noite, ela não dormiu, estava perdida em suas lembranças e quando voltou a si, ficou muito tempo deitada só escutando. Ouviu os passos dos seus familiares na cozinha. Sentiu o cheiro do café e da broa de milho que sua mãe fazia, escutou as músicas que o pai cantava e também ouviu o galo cantando no galinheiro vazio. Mas, o que ela mais ouviu foi o choro e o riso do homenzinho de barro que um dia ela havia feito. No dia seguinte pela manhã quando Ponciá levantou foi pegar a caneca de café, mas ela estava vazia. Que estranho ela achou porque ela tinha a sensação que havia vida naquela casa. Ponciá ficou ainda um tempo esperando, tinha a esperança de ver a mãe voltando do rio, entrando pela porta com um pote de água como costumava fazer.



Todos que viam Ponciá, em todas as casas do povoado onde ela entrava, as pessoas se lembravam o quanto ela parecia com seu avô Vicêncio. Parecia o jeito de andar, o rosto, o braço colocado para trás como se fosse cotó, assim como o dele era. As pessoas também recordavam e recontavam para Ponciá as histórias antigas da sua família, falavam sobre a morte da sua avó, da raiva que o pai de Ponciá sentia do avô dela. Ponciá, ouvia tudo com muita atenção, era como se quisesse beber cada detalhe das histórias.




Antes de voltar para a cidade Ponciá encontrou Nêngua Kainda. Ela era a pessoa mais idosa do povoado. Tinha a pele cheia de rugas feito um maracujá, magra e bem alta, até parecia uma palmeira seca. Nêngua Kainda colocou a mão na cabeça de Ponciá e disse-lhe que mesmo não tendo encontrado a mãe e o irmão, Ponciá não estava sozinha. Disse que ela fizesse aquilo que seu coração estivesse mandando. Disse ainda que em algum momento da vida de Ponciá a herança que Vô Vicêncio tinha deixado para ela se cumpriria. Ponciá ouviu tudo, não falou nada, só pediu a benção de Nêngua Kainda e prosseguiu a sua andança de volta para casa.

Quando o trem que a levaria de volta para casa chegou ao povoado ela estava confusa, não sabia se ficava ou se ia embora. Mas, na casa da família ela não havia encontrado ninguém, estava se sentindo só e vazia. Ficou sabendo que seu o irmão Luandi há anos tinha ido embora para a cidade e a mãe Maria andava a peregrinar a procura dos filhos.




Ponciá voltou para a sua casa, na cidade, decidida a deixar de pensar e cuidar na sua vida, mas em um instante ela já estava envolvida em seus pensamentos novamente. Lembrou de Nêngua Kainda, lembrou que ela havia falado da herança que Vô Vicêncio deixara para ela. Ponciá ficou imaginando que legado seria esse. Ela também se lembrou que os mais velhos contavam que as terras que os negros haviam recebido do Coronel Vicêncio, como presente pela libertação dos escravos eram bem mais do que ele havia dado e ainda mais os seus descendentes aos poucos iam tomando as terras de volta. O avô de Ponciá também havia recebido terras e com ela um papel atestando a posse, mas um dia num ato de raiva ele rasgou todo o papel. Então, Ponciá concluiu que as terras não seriam a sua herança, mas o que seria? Ela ficou pensando.





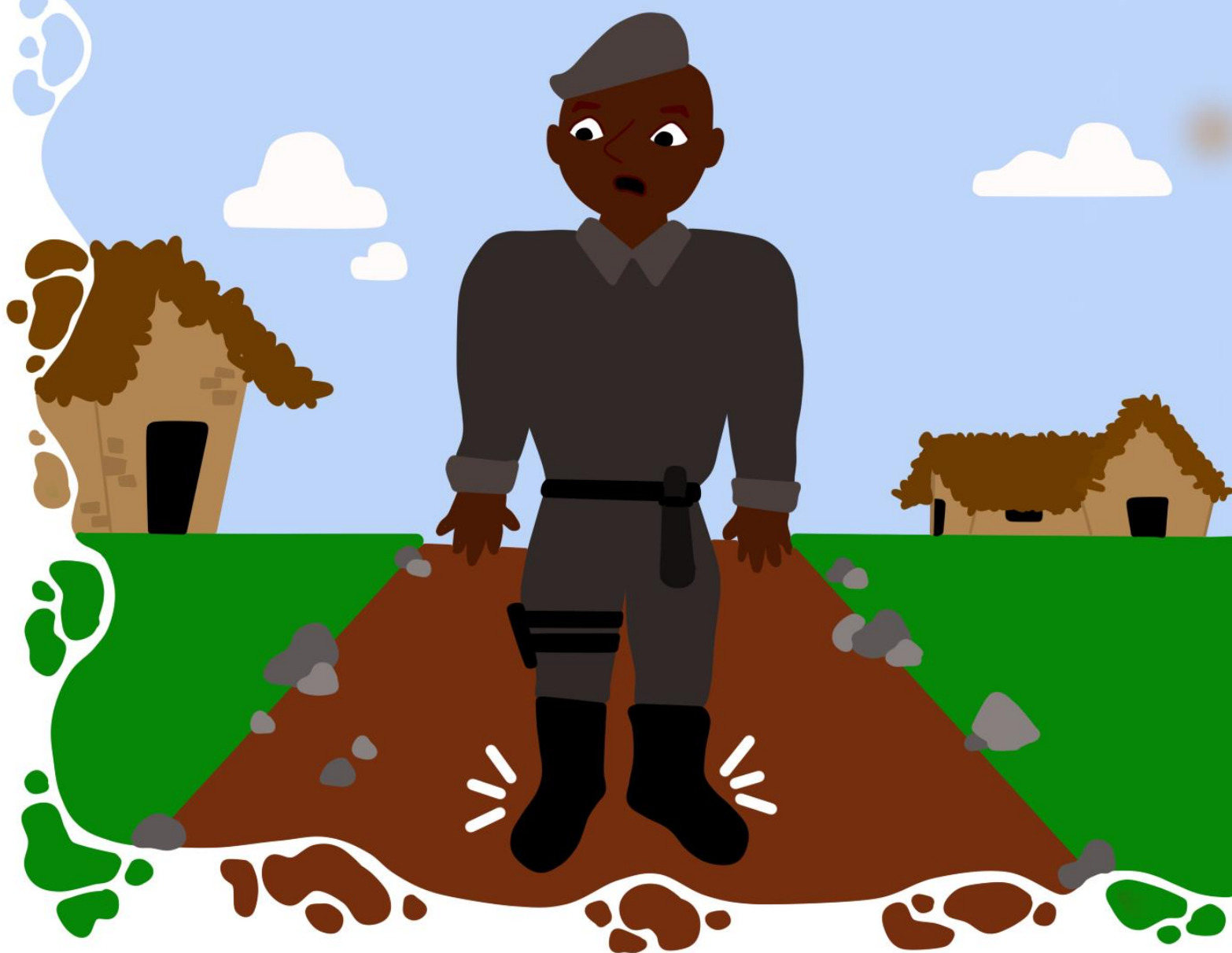
Luandi estava na cidade morando na mesma cidade que Ponciá morava, trabalhava como faxineiro em uma delegacia e cultivava no coração o desejo de ter voz de mando, queria ser soldado, ele admirava muito, o Soldado Nestor, queria ser como ele. Um soldado negro, isso na cidade seria possível, Soldado Nestor, era a prova viva disso, na cidade negro não era só mandado, negro também podia mandar. Na roça, Luandi havia feito de tudo um pouco, plantava, colhia, arava a terra, trabalhava moendo cana, na torrefação de café, às vezes cuidava de bois, fazia cerca, ele trabalhava no que fosse preciso. Quando ele chegou na cidade foi o Soldado Nestor que lhe estendeu a mão, o ajudou a conseguir o trabalho na delegacia, estava ensinado Luandi a ler e a escrever. Um dia ele seria soldado, iria mandar prender e bater em pessoas. Ele queria ser como um homem branco, ter voz alta e forte como os brancos tinham.

Luandi foi para a cidade com a esperança de encontrar Ponciá. Ele pensava muito na irmã, andava pela cidade olhando as mulheres negras para ver se achava entre elas a irmã. Ela sabia ler, ele ficava imaginando como a irmã poderia estar. Ele lembrava que ela também sabia trabalhar com o barro, era habilidosa e fazia coisas muito bonitas, mais até que as da mãe deles. Luandi pensava também na sua mãe, Maria, sabia que ela deveria estar com saudades dos filhos, ele também sentia muita falta da irmã e da mãe. Um dia quando ele fosse soldado, voltaria a Vila Vicêncio para buscar a mãe e juntos eles iriam encontrar Ponciá. Ele ficava se perguntando se a herança de Vô Vicêncio já havia se cumprido na vida de sua irmã.



Depois de vários anos na cidade, Luandi resolveu voltar a Vila Vicêncio queria rever a mãe, quem sabe ter notícias da irmã. Falou com Soldado Nestor, recebeu a permissão para viajar e além disso fez outro pedido ao amigo. Luandi pediu ao Soldado Nestor que lhe emprestasse uma farda de soldado para que ele pudesse voltar a vila com voz de mando, feito uma pessoa importante. O soldado Nestor não viu maldade no pedido de Luandi, mas disse a ele que ninguém da delegacia podia saber daquele fato, disse também que só emprestaria a farda, porrete e arma, não. Luandi seria um soldado de mãos vazias.

Durante a viagem de trem até a Vila Vicêncio, todos olhavam para Luandi dos pés à cabeça, ele ia feliz, vestido de soldado, embora os pés estivessem doendo por causa das botas que estavam apertando seus pés. No caminho Luandi ia pensando que quando ele fosse soldado de verdade bem que poderia ter uma guerra, uma guerra entre pretos e brancos ou entre ricos e pobres, não, melhor que fosse uma guerra de bons contra os maus, assim ele poderia bater nos homens maus e mandar prender os homens perversos, ele estaria lutando ao lado dos homens bons.



A viagem foi longa, os pés de Luandi estavam latejando de tão apertados que os sapatos estavam. A caminhada até a casa da mãe era longa, as botas ainda iam lhe apertar muito os pés. Pelo caminho as pessoas que passavam por Luandi o cumprimentavam tirando o chapéu, e perguntando pela mãe e pela irmã. Luandi estranhou perguntarem pela mãe, ele havia deixado ela naquele lugar, vendendo suas peças de barro, no entanto, o que Luandi mais estranhou foi o fato de ninguém ter percebido que ele usava uma farda de soldado. Luandi foi se aproximando da casa, percebeu rastros de gente, ficou feliz, deveria ser a mãe. Luandi começou a cantar uma cantiga que os negros mais velhos ensinavam aos mais jovens, era uma cantiga na língua dos antigos, Luandi não entendia, mas ele seguia entoando seu canto de voltar para casa. Feliz ele cantava, dançava e tocava um atabaque imaginário.

Luandi esperou que a mãe ao ouvir sua voz aparecesse, mas nada, ninguém veio ao seu encontro. Luandi entrou, viu a casa vazia, ainda pensou que a mãe poderia ter ido até o rio, mas ao olhar para o fogão viu que não havia nenhum sinal de cinza, nada sinalizava a presença de alguém. Luandi se entristeceu, onde estaria a mãe, onde estaria a irmã? Olhou para um canto da casa e viu o baú onde estava guardado a memória do homem barro, estatueta de Vô Vicêncio que sua irmã havia feito. Ele pôs a mão no fundo do baú e grande foi seu susto, o homem barro não estava lá. Só Ponciá poderia ter pego ele, a mãe não teria coragem de tocar nele, só poderia ter sido Ponciá. Ela havia estado ali antes dele. Será que elas estariam juntas? Ele pensou. Luandi se lembrou das conversas que tinha com o pai sobre as mulheres. O pai havia dito a ele que as mulheres eram como estrelas que iluminavam a noite do peito de um homem. Ele sentiu falta da mãe e da irmã. Se entristeceu por elas não estarem lá, se encaminhou em direção a porta e lentamente saiu. Ainda pode ouvir a voz da mãe o abençoando, como no passado ela fazia quando ele ia trabalhar na terra dos brancos.



Nos dias que em Luandi ficou na Vila Vicêncio visitou os antigos amigos e vizinhos e também foi até a casa de Nêngua Kainda para pedir a sua benção. Ela o abençoou na língua dos antigos, a língua que só os velhos sabiam entender. Nêngua Kainda disse à Luandi que a mãe dele estava bem, falou que Ponciá estava bem, mas que Luandi precisava encontrá-la antes da herança de Vô Vicêncio se cumprir. A velha sorriu quando viu a farda de soldado que Luandi vestia, ria falando a Luandi que ele estava querendo viver um caminho que não era para ele. Luandi queria ter voz de mando, mas sozinho? Se ele não pudesse servir aos seus irmãos de cor de que valeria? Luandi ficou triste com as palavras de Nêngua Kainda, não entendeu muito bem o tom de ironia da velha. Ele sempre a ouvia, assim como todas as pessoas do lugar, mas daquela vez, não, ele pensou. Ele haveria sim de ser soldado e ter voz de mando um dia.



Antes de ir embora do povoado, Luandi deixou com Nêngua Kainda o endereço de onde ele morava na cidade, para que ela entregasse a sua mãe ou a Ponciá, quem sabe! Luandi fez de volta seu caminho lembrando de uma estrela que ele havia conhecido, o nome dela era Biliza. Os dois haviam se conhecido na rua da feira de mulheres, em um dos passeios noturnos que Luandi fazia com Soldado Nestor. Ele estava apaixonado por ela. Pensava em ser soldado, ter uma casa e tirar Biliza da vida que ela levava na noite. Quando os dois se conheceram Biliza já estava há cinco anos trabalhando em uma casa de mulheres, de lá tirava o seu sustento, depois que deixou de trabalhar como empregada doméstica.

Biliza que também havia vindo da roça para a cidade foi muito humilhada no seu último trabalho. A sua história até se parece um pouco com a história de Ponciá. Ela juntava todo o dinheiro que recebia para comprar uma casa e ir buscar a família para morar consigo. Um dia percebeu que todo o seu dinheiro tinha sumido e as suas suspeitas recaíram sobre o filho do patrão, pois ele era a única pessoa que entrava no seu quarto. Os dois dormiram juntos várias vezes. Os pais dele sabiam disso, mas quando Biliza falou do sumiço do dinheiro, sua patroa ficou furiosa com sua desconfiança. Humilhou Biliza e a mandou embora sem pagar seus direitos trabalhistas. Dalí em diante, Biliza jurou que nunca mais trabalharia na cozinha de ninguém.

Biliza e Luandi se encontravam sempre. De Luandi Biliza não recebia pagamento. Ela não cobrava os serviços de quem gostava. Com sentimento não se negocia, ela dizia. No dia que Luandi propôs morar junto com ela, Biliza não lhe respondeu nada. Não deu sinal nenhum, mas dias depois mostrou pra Luandi panos, linhas, agulhas e enfeites que ela usaria para fazer o enxoval dos dois. Nesse dia, Biliza também falou para Luandi sobre o medo que tinha de Negro Climério, o cafetão, que cuidava dela e das outras moças da casa onde Biliza morava.

Luandi apesar da saudade que sentia da mãe e da irmã estava feliz. Depois de tanto sofrer na cidade, agora, ele tinha Biliza, sua estrela-guia que brilhava na noite escura do seu peito. Ele foi andando em direção a casa onde Biliza morava. Naquele dia, havia uma agitação estranha na rua. Cruzou com Negro Climério que ao ver Luandi, virou o rosto. As pessoas da casa acenavam para Luandi, chamavam seu nome e apontavam para Negro Climério. Luandi sabia que algo estava acontecendo e foi andando mais rápido em direção a casa onde Biliza morava e rapidamente já estava dentro do quarto dela. Luandi, pegou Biliza nos braços e viu a sua estrela-guia se apagando. Ele estava tremendo. A noite que ele tinha no peito daquela hora em diante tornou-se mais noite. Negro Climério havia matado sua Biliza-estrela. Em cima da cama de Biliza ficaram as linhas, as agulhas, todo os aviamentos que ela usava para preparar o enxoval dos dois.




Nos dias que em Luandi ficou na Vila Vicêncio visitou os antigos amigos e vizinhos e também foi até a casa de Nêngua Kainda para pedir a sua benção. Ela o abençoou na língua dos antigos, a língua que só os velhos sabiam entender. Nêngua Kainda disse à Luandi que a mãe dele estava bem, falou que Ponciá estava bem, mas que Luandi precisava encontrá-la antes da herança de Vô Vicêncio se cumprir. A velha sorriu quando viu a farda de soldado que Luandi vestia, ria falando a Luandi que ele estava querendo viver um caminho que não era para ele. Luandi queria ter voz de mando, mas sozinho? Se ele não pudesse servir aos seus irmãos de cor de que valeria? Luandi ficou triste com as palavras de Nêngua Kainda, não entendeu muito bem o tom de ironia da velha. Ele sempre a ouvia, assim como todas as pessoas do lugar, mas daquela vez, não, ele pensou. Ele haveria sim de ser soldado e ter voz de mando um dia.



Depois da previsão de Nêngua Kainda Dona Maria Vicêncio partiu no primeiro trem que passou na Vila Vicêncio rumo à cidade. A viagem foi longa, quando chegou. Na cidade, dona Maria teve medo, mas levava no coração a certeza de que encontraria os filhos. Ela não sabia ler, estava levando consigo somente o bilhete com o endereço que Luandi havia deixado com Nêngua Kainda. Dona Maria foi andando em direção a um soldado negro que avistara mais adiante. Um soldado negro, ela pensou! Na roça, ela só tinha visto negro recebendo ordens de brancos. O soldado olhou para ela como se já a conhecesse.


Quando ela se aproximou, tirou o bilhete de dentro do vestido e o entregou. Ele reconheceu sua letra, era a mãe de Luandi. Carinhosamente, Soldado Nestor, levou mulher até a delegacia, imaginou como Luandi ficaria feliz em vê-la. O coração de Dona Maria Vicêncio parecia não caber no peito, estava feliz que veria o filho novamente. Lembrou também de Ponciá, desejava encontrar a filha também, os três voltariam para casa, ela pensou.





Soldado Nestor foi até o quarto chamar Luandi, o rapaz depois da morte de Biliza andava muito triste, só saía do quarto para fazer a limpeza da delegacia. Com muito custo Soldado Nestor conseguiu convencê-lo a levantar. Luandi caminhava sem vontade, quando enfim avistou a mãe. Muitos sentimentos e imagens tomaram conta de Luandi, ele não sabia se estava vivendo um sonho ou se o que via era realidade. Viu a mãe, Ponciá, Biliza, sua estrela, Vô Vicência e outras mulheres da família e do povoado, a imagem de todas elas se misturavam na sua cabeça e a principal guia delas era Nêngua Kainda. Quando despertou e viu que a mãe estava diante dele, ficou muito feliz, quis saber da irmã e como a mãe havia conseguido chegar lá.

Estar com a mãe estava fazendo bem a Luandi, ele conseguia disfarçar um pouco a dor que sentia pela morte de Biliza-estrela, mas a mãe dele sentia ~~que~~ cada lágrima de dor que o filho escondia. Mas, um acontecimento feliz se deu para Luandi, os papéis de soldado haviam chegado, sua mãe ficou comovida, ele ficou contente. Se tornara soldado, agora iria pegar o dinheiro que há muito tempo juntava e iria comprar uma casinha, precisava acomodar melhor a mãe e depois irem juntos a procura de Ponciá.



Enquanto isso, Ponciá estava cada vez mais perturbada. Agora tinha dado para andar em círculos, falar sozinha, chorava e ria, pedia barro e só falava em voltar para o rio. O marido tinha medo de deixar Ponciá sozinha em casa e não mais encontrá-la quando voltasse do trabalho. Os vizinhos diziam que ela estava louca e que ele deveria colocá-la num hospício. Mas, ele sabia que ela só precisava se reencontrar com seu destino novamente.

Um dia, depois de muitos anos que Ponciá andava como uma vivamorta, ela olhou para o marido e foi como se não o visse, ela chorou e disse que sabia o que tinha que fazer, ela precisava voltar ao rio. Ponciá pegou a estatueta do homem barro, fez sua trouxa e saiu. O marido não a reteve, ele sabia que há muito tempo Ponciá estava indo embora. Ela desceu o morro e foi em busca do rio.



O primeiro dia de trabalho de Luandi foi na estação. Ele chegou feliz, era soldado, tinha voz de mando, mas mandaria em quem? A estação estava vazia. Nada poderia acontecer ali. Luandi olhou ao redor e viu uma mulher que ia e vinha andando em círculos. Ele parecia que via uma miragem e tentando se aproximar gritou forte o nome da irmã. Sua voz ecoou na estação, Ponciáaaaaaa!! Ela chorava e ria, dizia que precisava voltar ao rio. Luandi foi se aproximando dela devagar e disse que sabia onde o rio ficava e que ele iria levá-la até lá. Ponciá pegou dentro da trouxa a imagem do homem barro e perguntou se Luandi sabia quem ele era. Nessa hora, Luandi abraçou a irmã, ele chorava muito. No seu primeiro dia de trabalho, Luandi não cumpriu todo seu horário, saiu da estação levando consigo Ponciá para encontrar sua mãe. Enquanto isso, o marido de Ponciá via tudo de longe.

Dona Maria Vicêncio olhava para a filha com ternura, via no rosto sofrido de Ponciá mulher que ela continuava bela. Ela estava feliz havia chegado o momento de levar Ponciá de volta ao rio. Lá ela encontraria tudo o que precisava para viver. Luandi via na irmã os traços do Vô Vicêncio, reconhecia que ela era herdeira de uma história sofrida que enquanto se mantivesse viva na memória das pessoas daria forças para buscar outros caminhos. Ele pensou do que adiantava ler e escrever se não houvesse sabedoria. Era preciso mais que saber assinar o nome, era preciso escrever o texto da própria vida e além do mais ajudar a escrever a história dos seus, porque a vida era uma grande mistura. A vida é a união dos foram, dos que estavam sendo e daqueles que um dia viriam a ser.

Quando voltaram a Vila Vicêncio, Ponciá, a mãe e o irmão Luandi colocaram a estátua do homem barro no peitoril da janela da casa. Ele estaria lá por muito tempo, assistindo a tudo que se passasse. Do lado de fora da casa um grande arco-íris ia se diluindo lentamente no céu. Ponciá que era o elo entre o passado e o presente dos seus, a guardiã da memória reencontrada dos seus ancestrais, essa nunca mais haveria de se perder. Ponciá estava guardada pelas águas do rio.



Queridos leitores,

Este livro é uma adaptação do romance *Ponciá Vicêncio*, da autora Conceição Evaristo. A obra original de Conceição Evaristo foi publicada a primeira vez no ano de 2003 pela editora Mazza e já ganhou versões em inglês e francês. A autora do romance, Conceição Evaristo, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, ela cresceu ouvindo histórias que a mãe e a tia contavam e desde cedo gostava de muito de escrever.

Em 1971 ela se formou no Curso Normal, era assim que se chamava o curso para ser professora antigamente e um tempo depois foi morar no Rio de Janeiro onde continuou seus estudos. Quando estava no Rio de Janeiro, Conceição Evaristo passou em um concurso municipal para ser professora e anos mais tarde se formou em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hoje, ela é doutora em Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

O romance *Ponciá Vicêncio* narra a história de Ponciá Vicêncio desde que ela era criança até a sua vida adulta. Ponciá mora com a mãe, Maria Vicêncio, na Vila Vicêncio, numa comunidade de descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão, Luandi, trabalham na lavoura da família Vicêncio, Ponciá e a mãe faziam os trabalhos domésticos e trabalhavam fazendo esculturas de argila, até ela decidir ir embora da Vila Vicêncio.

A narrativa de Ponciá Vicêncio nos fala do passado por meio da memória individual de Ponciá, revela a construção da sua identidade e de uma memória coletiva sobre os povos afrodescendentes.

Desejo uma ótima leitura para você!

Rackel Lopes de Araújo Sousa

